

# Os obstáculos de um líder nomeado

Há quase 20 dias como líder do Governo na Câmara, o deputado Carlos Sant'Anna continua sem um gabinete para ouvir seus colegas de bancada e também de outros partidos, que numa busca incessante, querem dele posições oficiais a respeito dos principais fatos, como a crise econômica. Sem estrutura, o jeito foi improvisar. Está na Comissão de Saúde, para onde leva os funcionários de seu gabinete. E até a mulher, Dr. Fabiola, recém-demitida do Ministério da Saúde, foi transformada em assessora temporária.

Os telefones não param. Queixas, sugestões, advertências votos de êxito. Vale tudo para entabular entrosamento. E Carlos Sant'Anna não se faz de rogado, porque entre as metas traçadas para um cargo cuja atribuição é essencialmente subjetiva, tem a de conhecer estado por estado, suas correntes políticas, ligações, quem exerce influência sobre quem.

Ainda sábado, enquanto rolava no plenário o debate acalorado em torno do anteprojeto do regimento da Constituinte, o líder governista teve que improvisar um gabinete no café da Câmara. Puxou duas cadeiras para a parede de vidro que separa o local do jardim e começou a "despachar" com o deputado Marcos Lima.

No plenário, as articulações prosseguem em ritmo frenético. Os deputados têm uma série de assuntos para tratar. Desde questões locais até aquelas envolvendo interesses dentro do partido. Mas alguns fazem denúncias, como um peemedebista do Rio, que está preocupado com a lisura de uma concorrência pública. Ninguém, porém, se dispõe a formalizar nada. Os políticos querem que



as providências venham de cima, sem parecer que foram provocadas.

Tanta solicitação, se não exerceu grandes influências, foi capaz de alterar o bom humor de Carlos Sant'Anna. Normalmente afável e receptivo aos jornalistas, vem se queixando do assédio da imprensa, "que não me deixa trabalhar". Ainda na semana passada surpreendeu a classe ao fazer essa observação perto de um grupo de repórteres.

Outro problema é que realmente nem sempre existe informação disponível para o líder do Governo. Na sexta-feira, enquanto o mundo político e econômico tinha certeza de que o Governo optaria pela moratória técnica, ele afirmava aos jornalistas desconhecer essa decisão. E apareceu no jornal da noite solitário na desinformação, enquanto os demais líderes comentavam livremente a questão.

Na véspera, Sant'Anna fez chegar ao Governo suas apreensões a respeito de não atropelarem o PMDB com decisões imperativas. Afinal, dois dias antes o ministro Funaro havia se comprometido a só anunciar medidas após o encontro com a bancada, que seria dia 25. Apesar de ser assunto externo e de atender os reclames dos partidos políticos, o líder acredita que mesmo as medidas simpáticas precisam ser debatidas antes. Um dia — teme — os parlamentares se aborrecem e podem reagir, seja lá o que for.

"Sou um ouvidor", costuma proclamar aos que pedem uma definição a res-

peito de suas atribuições. E nesse contexto, acabou obrigado a sentar-se à mesa de negociações com um inimigo. Informado na Bahia que a TV Aratu não estava recebendo sinais da Globo, procurou o ministro Marco Maciel, que fez a ponte com Antonio Carlos Magalhães. Este, num gesto de cortesia, ligou para Sant'Anna e, depois, mandou o filho, deputado Luiz Eduardo, repetir a informação de que nada havia capaz de provocar o problema.

Apesar de tudo certo, comentou depois o líder governista, a verdade é que a TV Aratu não transmitiu o jogo da noite daquele dia. Sabotagem? Acha que não, mas prefere não se envolver demais nessa discussão. Afinal, um articulador fica impedido de arengar, ainda que com um desafeto como o ministro Antônio Carlos Magalhães.

Sant'Anna mantém contato freqüente com o presidente Sarney, mas reconhece que ainda não estabeleceu um elo de informações suficientes. Se não sente falta, ainda desse entrosamento, acredita que terá de providenciá-lo logo, para desempenhar bem uma missão que, costuma confidenciar, não possui torcida favorável para seu pleno êxito. Enquanto isso, precisa também se entronizar no cargo, negociando instalações, funcionários, e, muito provavelmente, até um colégio de vice-líderes do Governo.

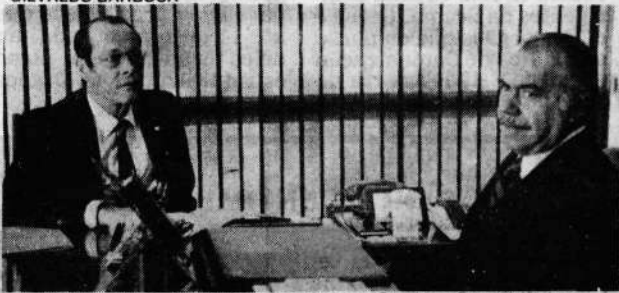
E na sua contabilidade creditou o êxito de um bom acordo com o Grupo Pró-Soberania, quanto havia o temor de que acabariam entrando em rota de confronto, tendo como principais protagonistas as alas do PMDB.

## Funaro não ia, líder não sabia

"É, vou fechar. Ligo para Funaro e desisto. Ele (Ulysses Guimarães) é o presidente da Câmara, da Assembleia, do partido. Eu lamento".

Com esse desabafo, e sem tentar dissimular seu desapontamento, o líder do Governo, Carlos Sant'Anna, admitiu ontem que foi atropelado pelo presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, e o líder do partido, Luiz Henrique. Os dois, sem lhe dar conhecimento, desmarcaram o encontro, articulado por Sant'Anna, que o ministro Dilson Funaro teria amanhã a partir das nove

GILVALDO BARBOSA



Sarney e o líder do governo, Carlos Sant'Anna

horas com a bancada peemedebista na Câmara.

O líder do Governo soube do cancelamento do encontro no fim da tarde, quando concedia coletiva à imprensa. Imediatamente, saiu para falar com Ulysses

Guimarães e voltou dizendo que acabava de informá-lo sobre o peso do ônus que o PMDB arcaria por não realizar a conferência. Foi uma conversa rápida, na qual ouviu que a preocupação maior era com a votação do regimento.